

REVELAÇÕES

O fotógrafo André Cypriano foi morar na favela para mostrar uma realidade ignorada por muitos brasileiros. O resultado desta aventura pode ser conferido hoje, no Museu Abílio Barreto

SÉRGIO RODRIGO REIS

Num momento em que a guerra não declarada se instala nos morros cariocas, o fotógrafo paulista André Cypriano chega a Belo Horizonte para apresentar uma visão particular do cotidiano da Rocinha, a maior favela do país. O dia-a-dia da comunidade, as situações de extrema dificuldade, a arquitetura caótica, as tristezas e a angústia nos olhares da população do lugar em meio à violência urbana são revelados em 100 fotos em preto e branco no livro *Rocinha* (Senac São Paulo, 168 páginas). No projeto Foto em Pauta, hoje, às 19h, no Museu Histórico Abílio Barreto, Cypriano vai contar como foi a aventura de retratar a favela.

O material para o livro foi produzido entre 1999 e 2000. A idéia surgiu quando Cypriano preparava outro livro, *Caldeirão do diabo*, sobre o presídio Cândido Mendes, em Ilha Grande, no Rio de Janeiro. Na ocasião, um dos presidiários, identificado como Paulinho, integrante do Comando Vermelho, perguntou-lhe porque não fazia um documentário sobre a Rocinha, comunidade em que nasceu. "Sugeri que mostrasse que na Rocinha também havia felicidade", lembra. Como não lida com imagens em movimento, aceitou o desafio de outro jeito. A opção pelas imagens em PB não é só estética. "É como uma interpretação da realidade. Já o colorido, é o reflexo", pondera.

Para evitar a superficialidade, Cypriano resolveu imergir no co-

Flagrantes da Rocinha

DIVULGAÇÃO/ANDRÉ CYPRIANO

O paulista André Cypriano conta que se surpreendeu com a maneira como o ser humano consegue se adaptar a situações de risco social



tidiano da Rocinha. Por 30 dias foi mais um morador da favela. "Vivi esses dias em função do meu trabalho, com apoio da mulher do presidiário, servindo como uma espécie de guia dentro da Rocinha. Mostrava o que podia fotografar. Eu me senti mais seguro lá dentro que aqui fora." O resultado dessa dedicação, e ainda das cerca de 200 visitas que voltaria a fazer ao morro, é um conjunto de cenas que mostra um contraste entre felicidade

e tristeza, com lances incomuns aos olhares desatentos do cidadão comum. "Busquei a essência do lugar, me orientando pelas emoções desta comunidade."

Na vivência na Rocinha e em outras favelas, Cypriano se surpreendeu com a maneira como o ser humano se adapta a situações de risco, como o narcotráfico, e mesmo assim encontra a felicidade. "Um dia têm poder, mulher, drogas. No dia seguinte é baleado. As pes-

soas que vivem este cotidiano estão constantemente se adaptando." Rumo ao desconhecido, o fotógrafo reconhece que encontrou uma cultura informal muito rica. "Nunca vi um lugar tão brasileiro", conclui.

FOTO EM PAUTA

Encontro com André Cypriano, hoje, às 19h, no Museu Histórico Abílio Barreto (Av. Prudente de Moraes, 202, Cidade Jardim). Entrada franca. Informações: www.fotoempauta.com.br